



EDUCAÇÃO E COMUNIDADE: A VIOLÊNCIA DOS JOVENS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Elane Oliveira de Souza ¹

RESUMO: *Este artigo discute algumas relações da violência dos jovens com a escola. Desenvolve-se através do conceito de violência, assim como as incivilidades e agressões praticadas por alunos, explicando como a influência da violência familiar e nos meios de comunicação contribui para o crescimento de um ambiente escolar violento, além de expor algumas implicações desta emergente prática.*

Palavras-chave: Violência; Jovens; Escola.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem construído a sua história ao longo dos séculos, enfrentando problemas difíceis e oferecendo soluções, às vezes não satisfatória, principalmente no que tange a área educacional.

Dentre os problemas polêmicos enfrentados pela sociedade e de difícil resolução, encontra-se a violência dos jovens nas escolas. Esta surge, em muitos casos, de fora para dentro e dentro da própria escola o que provoca a migração de professores a outras instituições de bairros menos violentos, desistência dos estudos por parte dos alunos, degradação no ambiente escolar, dentre outros fatores.

Também é visível que os alunos que convivem o dia a dia com esta cruel situação, isto é com a violência física, moral, assim como as incivilidades, tenham dificuldades no aprendizado, o que prejudica na construção e no desenvolvimento da sua vida acadêmica.

É possível observar a presença de escolas seguras em bairros ou áreas reconhecidamente violentas, e vice-versa, sendo provável que não haja determinismos nem fatalidades, mesmo em períodos e áreas caracterizadas por exclusões, o que garante que ações ou reações localizadas sejam possíveis.

ALGUMAS DEFINIÇÕES DE VIOLÊNCIA

São muitas as dificuldades encontradas no analisar a violência. Esta palavra é, em geral empregada para designar fenômenos dos mais distintos. Ações caracterizadas como manifestações da violência abrangem, freqüentemente, uma série grande de comportamentos. A variabilidade de conceitos é justificada por dois motivos: o entendimento da violência muda nos diferentes períodos de existência da humanidade e as pessoas compreendem este tema de acordo com seus valores e sua ética. E segundo Odália (1983, p. 13) que o viver em sociedade foi

¹ Estudante do Curso de Pedagogia do Campus I, Salvador, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: elaine.souza@unijorge.edu.br. Prof. Cleide Magali dos Santos (Orientadora)



sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente. Ela sempre aparece em suas várias faces.

A etimologia do termo, segundo Michaud, citado por Paredes, revela que:

A violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *viorale* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego da força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa.

(MICHAUD Apud PAREDES, 2006, p.13)

Odália reafirma a concepção de violência e acrescenta, conforme descrição a seguir:

O ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência (...). Matar em defesa da honra, qualquer que seja essa honra, em muitas sociedades e grupos sociais, deixa de ser um ato de violência para se converter em ato normal – quando não moral – de preservação de valores que são julgados acima do respeito à vida humana.

(ODÁLIA, 1983, p.23)

Ainda na tentativa de conciliar os diversos significados da palavra violência, faz-se uma outra análise, conforme conceito de Michaud, citado por Paredes:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indiretamente, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas participações simbólicas e culturais.

(MICHAUD Apud PAREDES, 2006, p.16)

Logo, conclui-se que a violência não é um fenômeno isolado, pois resulta das interações sociais e se manifesta de forma específica em cada cultura, e de acordo com o conjunto de normas e valores que orientam os indivíduos de uma sociedade.

VIOLÊNCIA E JUVENTUDE

Muitos dos jovens têm contato com a violência de forma direta ainda *no ambiente familiar*. Os maus tratos, provocados pelos próprios pais, fazem dessas crianças revoltosas, vítimas estas que, ainda cedo, saem de dentro de casa e passam a morarem nas ruas.

A violência doméstica seria um elemento desencadeador do que poderia ser denominada cadeia de violência ou reprodução de violência. Pais e mães violentos que têm os filhos como suas vítimas, que por sua vez, se tornariam violentos, fazendo outras vítimas. Logo, os pais, a fim de educar seus filhos, aplicam métodos disciplinares agressivos, o que faz com que as



crianças acabem obedecendo por medo e não por respeito. Este comportamento pode provocar um estrago pior do que se imagina, já que a violência pode gerar outra violência.

Os maus-tratos são visíveis nas escolas, logo a educação recebida em casa influencia no desenvolvimento e comportamento de outra criança na escola, pois muitas crianças aprendem a bater e a falar mal “xingar” com seus colegas. Com esse fato toda estrutura dada em casa pode ruir quando a criança entra em contato com amigos rebeldes ou violentos. Este problema pode ter raízes culturais, pois a herança cultural vinda das antigas colônias, aqui no Brasil, por exemplo, em que a força era plicada como forma de disciplina, permanece até hoje em muitas gerações. Esta forma confunde imposição de limites com intimidação.

Daí a importância do diálogo aberto com a criança e o adolescente, seja com os pais e com o disciplinador da escola, para proporcionar o bem-estar físico e mental do aluno, como uma das principais medidas preventiva.

Ainda no Brasil, outro aspecto em especial, esta sendo levado em consideração para a discussão da questão da relação entre violência e os jovens: **a influência dos meios de comunicação na violência infanto-juvenil.**

A tela de TV já se tornou um meio de comunicação universal, em todo o mundo, quer seja nas favelas, no interior, em qualquer lugar a televisão é onipresente. Para os jovens e as crianças em idade escolar ela é a mais poderosa fonte de transmissão de informação e entretenimento. Nem mesmo o rádio e os livros têm o mesmo alcance de distribuição global. As crianças passam pelo menos 50% mais tempo ligadas a esse meio de comunicação do que em qualquer outra atividade não-escolar, incluindo a elaboração de deveres de casa, convívio com a família ou amigos, ou leitura. Dessa forma a televisão tornou-se fato primordial de socialização e domina a vida de crianças nas regiões urbanas e rurais em todo o mundo.

Dados da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) informa que os meninos são, em particular, fascinados pelos heróis agressivos, disseminados pela mídia. Alguns deles, como o “Exterminador” de Arnold Schwarzenegger, tornaram-se ídolos conhecidos por 88% das crianças em todo o mundo. Um total de 51% das crianças oriundas de ambientes altamente violentos gostariam de ser como ele, em comparação a 37% das crianças oriundas de vizinhanças onde é baixo o índice de violência. Torna-se claro que as crianças necessitam e utilizam os heróis da mídia como modelos que os auxiliam a lidar com situações difíceis, sendo esse fato inteiramente válido para todas as regiões do mundo, apesar das inúmeras diferenças culturais.

Nessa situação os heróis da mídia são utilizados pelas crianças como escapismo e compensação por seus problemas. As visões de mundo das crianças são influenciadas tanto pelas experiências reais quanto pelos meios de comunicação, isto é tanto imitam o que vêem na tela, como integram os padrões de comportamentos observados ao seu próprio repertório. Muitas crianças estão cercadas por um ambiente no qual tanto as experiências da vida quanto o que é disseminado pela mídia sustentam a visão de que a violência é natural. Os filmes individuais, não se constituem o problema, mas a extensão e a onipresença da violência nos meios de comunicação de massa (com média de cinco e dez ações agressivas por hora na programação de TV em muitos países) contribuem para o desenvolvimento de uma cultura agressiva. A “normalidade” e o “caráter de recompensa” da agressividade são mais incentivados do que as



formas não-agressivas de lidar com a vida, fazendo prevalecer, dessa forma, o risco da violência na mídia.

Crianças e adolescentes estão sempre interessados em provocações, envolvendo-se, freqüentemente, com estórias violentas. O consumo de conteúdos agressivos oriundo dos meios de comunicação em massa, incluindo a TV, por grupos na faixa etária de 9 a 14 anos, aumentou dramaticamente, na medida em que a violência real vem aumentando, portanto podemos estabelecer uma correlação entre a violência na mídia e o comportamento agressivo.

Com os recursos mais recentes desenvolvidos pelos meios de comunicação, como o surgimento de videocassetes, jogos de computadores e a Internet, pode-se verificar crescente aumento na quantidade de imagens violentas exibidas, que atraem, naturalmente, muito a atenção. Os vídeos apresentam cenas realistas de torturas ou mesmo assassinatos reais, os jogos de computadores permitem ao usuário estimular de forma ativa a mutilação de “inimigos” e a Internet – não obstante a possibilidade de sua utilização de forma positiva para a sociedade – torna-se um quadro para a pornografia infantil, o culto da violência e orientações terroristas. No entanto, mesmo em vista desses fenômenos, é essencial compreender que as causas primárias do comportamento agressivo serão ainda encontradas no interior do ambiente familiar, nos grupos de amizades e, em particular, nas condições socioeconômicas em que as crianças são criadas.

A mídia audiovisual, em particular, é mais realista na sua representação da violência do que os livros e jornais; ela se dá menos liberdade para as imagens individuais que os espectadores associam aos enredos. À medida que a mídia se torna cada vez mais perfeita, com a introdução da terceira dimensão (realidade Virtual) e a interatividade (jogos de computadores e multimídia), além de serem sempre acessíveis e universais (vídeo e Internet), a representação da violência “incorpora-se”, de forma crescente, à realidade.

Existe uma interação entre a violência nos meios de comunicação de massa e na vida “real”. A mídia pode contribuir para consolidar uma cultura agressiva, ao mesmo tempo em que pessoas já agressivas a utilizam para reafirmação de suas crenças e atitudes, as quais, por sua vez, são reforçadas pelo conteúdo da programação divulgada. Muitas crianças vivem em ambientes onde tanto as experiências da vida “real” quanto às aquelas observadas na mídia sustentam a visão de que a violência é um fato natural. Alguns jovens utilizam-se da violência, como meio de resolução de conflitos, com base compensatória, de controle da situação, e em sua maioria, tal fascinação pela violência, está quase sempre relacionada a personalidades fortes. Para Jô Groebel, esta relação possui três desdobramentos:

“A agressão é um meio eficaz de resolver conflitos; oferece *status* e pode ser divertida. O herói acima do bem e do mal é, naturalmente, um tema antigo na arte e na literatura, servindo de compensação pelas próprias limitações e de referencial para o comportamento das pessoas. Relativamente nova, no entanto, é a uniformidade global de tais heróis, criada por meios de comunicação de massa, e seu peso comercial.” (GROEBEL, 1998, p.31)

Dessa forma, a depender do meio ambiente “real”, a violência na mídia pode vir a ter diferentes funções. Em ambos os casos, no entanto, ela confirma as características de “recompensa” pelo comportamento agressivo.



A violência tem sido sempre um elemento de ficção e do noticiário, não podendo ser excluída de qualquer cobertura da mídia. No entanto, o seu alcance, limite e caráter compensatório é que constituem o problema, portanto, para que haja o controle dessa disseminação faz-se necessário a implantação e o cumprimento de estratégias a serem consideradas em nível internacional, tais como o debate público e conversações entre políticos, produtores, pedagogos, pais e os futuros consumidores ativos; o desenvolvimento de códigos de conduta e autocontrole entre os profissionais da mídia e o estabelecimento de processo de educação sobre a mídia, para criar usuários competentes e com capacidade de crítica em relação aos meios de comunicação.

VIOLÊNCIA NO UNIVERSO ESCOLAR

Para melhor entender a violência na escola, recorrerei a Charlot que define como:

“A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar (..) a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local... (CHARLOT, 2002, P.3)

Segundo pesquisa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), 4% dos estudantes vão às escolas armadas. Toda essa realidade tem assustado pais, professores e alunos. A realidade escolar cotidianamente apresenta muitos pontos de conflitos que ampliam a violência no interior das unidades escolares, como as agressões, depredação, pichação, tráfico de drogas, tiro de armas de fogo. Face o exposto parece crucial refletir quais implicações teriam a emergência de práticas violentas nas escolas.

A violência que circula a sociedade de modo geral penetrou os portões dos colégios e está tornando cada vez maior nas escolas de Salvador e de todo o país, principalmente na rede pública de ensino, dados estes extraídos de pesquisas realizadas em diversos jornais que circulam na cidade. Diversas ações recentes envolvendo a morte de estudantes têm chamado atenção do governo e da sociedade para o problema da violência na escola; esta problemática tem recebido ampla cobertura dos meios de comunicação, demonstrando o alto grau de preocupação que a questão suscita na sociedade como um todo. Agressões, mortes, drogas, estupros, a violência simbólica incivilidades tem ocorrido no cotidiano escolar. Esta situação tem deixado pais, alunos, professores, governo e toda a sociedade apreensiva.

A violência no cotidiano das escolas associa-se a dimensões sócio-organizacionais distintas, como por exemplo, a degradação no ambiente escolar, isto é, à grande dificuldade de gestão das escolas, resultando em estruturas deficientes, por outro lado a uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna sitiadas e manifesta-se por intermédio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar e relaciona-se a um componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento.

A escola é lugar de educação, de memória histórica e de socialização do conhecimento produzido pelo homem para a humanidade, embora a violência tenha muita repercussão na



qualidade de ensino e na aprendizagem, por exemplo, um professor que leciona em escola que ocorre violência constante, já não dá uma aula de qualidade, porque sempre fica preocupado com a hora de sair e com os alunos, por outro lado provoca uma rotatividade dos professores. Estes procuram se transferir para locais onde o exercício profissional se mostre mais seguro, possivelmente abrindo lacunas no quadro de docentes das escolas nas quais ocorrem mais violências.

Sendo assim, a escola não seria mais o lugar seguro de integração social, de socialização, não é mais um espaço resguardado, ao contrário, torna-se palco de ocorrências violentas. Se pensarmos a escola como espaço propiciador do desenvolvimento, a violência representa a própria negação da instituição escolar. Nesse sentido, violência e escola criam um fenômeno inimaginável. Ameaças e agressões de alunos contra professores, violência entre alunos, uso de armas, roubos é uma realidade que descaracteriza a escola como um ambiente adequado para o desenvolvimento pleno do jovem.

Também podemos incluir as incivildades como modalidade de violência na escola. Quando se fala de violências nas escolas deve-se levar em conta não somente os delitos passíveis de enquadramento no Código Penal, mas também as incivildades, muitas vezes invisíveis aos olhos das pessoas, isto é dos atores, que convivem na escola, e o clima escolar. As incivildades consistem em atos e comportamentos considerados sem gravidade e não se pautam pelo uso da força física, mas, podem ferir profundamente, acabando com a auto-estima das vítimas e alimentando um sentimento de insegurança.

No ambiente escolar, as incivildades muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram a visibilidade, provocando as autoridades - o que é constatado no dia-a-dia das escolas, logo, podemos defini-la como ações ou comportamento que rompem as regras de boa convivência, isto é, básica da vida social, o que inclui as pequenas delinqüências, a agressividade, a insensibilidade em relação aos direitos do outro, os quais quebram o pacto social de relações humanas. Destaca-se entre as incivildades a "falta de respeito" que se enquadra na forma de insensibilidade aos direitos de cada um, de ser respeitado como pessoa. E vale ressaltar que, na escola, elas raramente são penalizadas, sendo tratadas como delitos secundários ou comportamentos naturais, típicos de determinadas fases ou idade.

Um dos efeitos do crescimento e da repetição dos atos de incivildades é a instauração de um sentimento de abandono do espaço público e de impunidade. Ao mesmo tempo, as vítimas de incivildades sentem-se desprotegidas, estimulando a falta de confiança nas instituições e a ausência do sentimento de cidadania, o que pode levá-las a sair da escola. A reprodução de incivildades também pode ser a porta de entrada para violências mais duras. No caso específico da escola, é necessário tomar cuidados especiais para que as relações sejam menos agressivas, pois num ambiente em que prevalece a incivildade, alunos, professores e demais integrantes da escola podem estabelecer uma relação de distanciamento com a mesma, levando ao desaparecimento das relações de amizade, companheirismo e solidariedade.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que o clima escolar também influencia aquilo que os professores ensinam e o que os alunos aprendem, podendo ou não criar situações de identidade ou de desencanto com as escolas. O clima de incivildade e de abandono pode ser mudado apesar dos problemas apontados, da mesma maneira como as incivildades são



construídas na dinâmica das relações sociais, elas podem - e devem -ser “desconstruídas”, o que é possível por meio de ações de proteção capazes de transformar as “escolas de risco” em “escolas protetoras”.

No entanto, é fundamental atentar para o fato de que as medidas de força não resolvem o problema da violência e das incivildades, pois não atingem o cerne da questão que é a qualidade das relações interpessoais na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo serviu para dá minha contribuição sobre o entendimento das relações entre violência, jovens e escola no mundo contemporâneo.

Apesar da violência ser um problema tão sério e prevalente, muitas vítimas e agentes da violência não são capazes de reconhecer seus relacionamentos como agressivos e de procurar ajuda neste sentido. Este fato contribui para a gravidade do problema, portanto a construção de uma visão crítica sobre o fenômeno da violência mostra-se fundamental, na medida em que permeia todas as relações sociais, em que são profundamente afetados os membros da comunidade escolar, como por exemplo, alunos professores, diretores e pais.

Sejam quais forem os tipos de manifestos, as violências nas escolas representam uma ameaça dos princípios da educação. Nesse contexto, faz-se necessário a construção e implementação de projetos de escola que busque a formação da cidadania.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Escola e Violência. Edições Unesco Brasil, Brasília, 2002;

GROEBEL, Jô. Percepção dos Jovens sobre a violência nos meios de comunicação, 1ª edição. Brasília: UNESCO, 1998 (Série Direitos Humanos e Cultura de Paz. Cad Unesco Brasil);

ODÁLIA, Nilo. O que é violência, 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção 85: primeiros passos);

PAREDES, Eugênio Coelho, SAUL, Lia Lima, BIANCHI, Kátia Simone da Rosa. Violência. Cuiabá, MT: EDUFMT, 2006 (Coleção Educação e Psicologia 2);

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ABRAMOVAY, Miriam e AVANCI, Marta Franco. Educação e Incivildade. Disponível em <http://www.centroreferencial.com.br/eduinciv.htm>. Acesso em 11/07/07;

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. [on line]. jul./dez. 2002, no.8 . Disponível em



XII SEMOC SEMANA DE
MOBILIZAÇÃO
CIENTÍFICA
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1517-4522. Acesso em 02/04/2006

GARCIA, Joe. Indisciplina, Incivilidade e Cidadania na Escola. ETD-2006-97[1].txt. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/25/ilanalatermant14.rtf . Acesso em 11/07/07;

GONTIJO, Ivan. Violência na educação infantil pode ser uma raiz cultural. Disponível em <http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/educacao/palmadab.html>. Acesso dia 16/3/2007.

OLIVEIRA, Isali de. O perigo da educação violenta atinge as escolas. Disponível em <http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/educacao/palmadac.html>. Acesso dia 16/3/2007.